

ESPAÇOS, CULTURAS, IDENTIDADES E SAÚDE EM COMUNIDADES MARÍTIMAS E PISCATÓRIAS. MULHERES ENTRE PRAIAS E MARÉS

Natália RAMOS

Universidade Aberta, Portugal

natalia@uab.pt

Resumo

As zonas costeiras concentram mais de 50% da população do planeta, 75% das grandes metrópoles e cerca de 90% da pesca global, acolhendo importantes atividades urbanas, industriais, piscatórias, turísticas e culturais.

Portugal e Brasil têm um vasto litoral e um potencial hídrico importante, cujas características favorecem as atividades marítimas e piscatórias, o desenvolvimento social, económico, turístico e cultural e as comunidades e culturas marítimas em geral, as quais têm sido objeto de múltiplos olhares e de estudos multi/interdisciplinares. As comunidades marítimas e piscatórias constroem as suas identidades, atividades e sistema social numa interação contínua entre pertenças culturais e diversidades sociais, a terra e o mar, antagonismos e afinidades, continuidades e mudanças, tradição e modernidade.

As atividades e as políticas relacionadas com o mar e a pesca afetam a identidade, a qualidade de vida, a segurança e a saúde humana, apresentando benefícios e riscos com impactos para o indivíduo, as culturas e o meio ambiente e colocando desafios às questões de género e de saúde nestas comunidades.

O presente texto propõe-se analisar e discutir algumas questões e dinâmicas das culturas, atividades, saberes e políticas do mar e da pesca, através de pesquisa teórica e empírica em comunidades marítimas e piscatórias, sobretudo relacionadas com a pesca artesanal no Norte de Portugal e noutros contextos culturais, nomeadamente no Brasil (Amazônia, Paraíba e Pernambuco).

Palavras-Chave: Comunidades marítimas e piscatórias; Culturas e identidades; Saúde e género; Pesca artesanal e qualidade de vida; Pescadoras artesanais, saúde e riscos.

Résumé

Les zones côtières englobent plus de 50% de la population mondiale, 75% des grandes villes, environ 90% des pêcheries mondiales, accueillant les principales activités urbaines, industrielles, touristiques, culturelles et de la pêche.

Le Portugal et le Brésil ont un vaste littoral et un important potentiel de l'eau, dont les caractéristiques favorisent les activités maritimes et de la pêche, les communautés sociales, économiques, touristiques et culturelles et la culture maritime en particulier, qui ont fait l'objet de multiples études multi/interdisciplinaires.

Les communautés maritimes et de la pêche construisent leurs identités, leurs activités et leur système social dans une interaction continue entre la diversité culturelle et appartenance sociale, la terre et la mer, des antagonismes et affinités, la continuité et le changement, la tradition et la modernité.

Les activités et politiques liées à la mer et à la pêche affectent l'identité, la qualité de la vie, la sécurité et la santé humaine, avec des avantages et des risques ayant un impact sur l'individu, les cultures et l'environnement et soulevant des questions de genre et de santé dans ces communautés.

Le présent texte propose d'analyser et de discuter les enjeux et la dynamique des cultures, des activités, des connaissances et des politiques de la mer et de la pêche, grâce à des recherches théoriques et empiriques dans les communautés marines et de la pêche, principalement liés à la pêche artisanale dans le nord du Portugal et d'autres contextes culturels, en particulier au Brésil (Amazonie, Paraíba et Pernambuco).

Mots-clés: Communautés maritimes et pêche; Cultures et identités; Santé et genre ; Pêche artisanale et qualité de vie ; Pêcheurs artisanaux, risques et santé.

Introdução

*Deus ao Mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.*

Fernando Pessoa, *Mar Português*



Fotografia 1: Mulheres partindo para a colheita do marisco. Cabedelo, João Pessoa, Brasil (N. Ramos, 2011).

Os oceanos constituem 78% da superfície da Terra, muitas populações vivendo na dependência directa do mar. O mar e os recursos marinhos dão uma contribuição importante para o desenvolvimento, crescimento e emprego em todo o mundo, nomeadamente na União Europeia (UE) e em Portugal. Os recursos das zonas costeiras são vitais para muitas comunidades locais.

Estendendo-se por 7.300 km, a zona costeira do Brasil concentra mais de 47 milhões de habitantes, sendo que o litoral português, com cerca de 970 km, concentra por sua vez mais de 60% da população portuguesa.

A ocupação do litoral, nomeadamente o português, tem vindo a aumentar nos últimos anos, verificando-se um processo migratório forte do interior do país para as cidades costeiras, na procura de melhores oportunidades de vida e de melhores equipamentos e infraestruturas, e o aumento do turismo de litoral.

Na UE, as regiões marítimas representam mais de 40% do seu Produto Interno Bruto (PIB), possuindo esta a maior superfície marítima do mundo, com 1200 portos e cerca de 90% do comércio externo e 40% do comércio interno a realizar-se por via marítima, e sendo o seu sector das pescas o terceiro maior a nível mundial.

Em todo o planeta, a pesca nos mares fornece emprego direto a cerca de 200 milhões de pessoas. Em Portugal, em 2009, o número de pescadores envolvidos no setor da pesca comercial,

inscritos nas capitâneas marítimas, era de 17.339, compreendendo todos os indivíduos que possam ter atividade na pesca, ainda que de forma sazonal ou a tempo parcial, concentrando-se maioritariamente no grupo etário dos 35 aos 54 anos (60% do total) (INE, 2010).

Nas comunidades marítimas, a urbanização, a migração, o turismo, as políticas ambientais, de género e da pesca, bem como as novas exigências tecnológicas e de qualificação, vieram alterar processos tradicionais da pesca e ambientais, da família, da educação e da socialização e redefinir papéis sociais e de género. As grandes transformações ambientais e culturais sofridas nestas comunidades vieram também, provocar desequilíbrios nos ecossistemas, os quais constituíam os seus principais modos de subsistência, obrigando as populações a modificar o seu espaço de vida, família e trabalho. Estas mudanças ameaçaram recursos naturais já escassos, afetando a capacidade de subsistência das populações e obrigando muitos a abandonar meios tradicionais de trabalho, como a pesca, e a organizar novos modos de ocupação e de produção, geralmente em atividades relacionadas com o turismo.

Nas regiões onde, durante as últimas décadas, aumentaram as dificuldades económicas e sociais das comunidades costeiras, ribeirinhas e rurais, os estudos assinalam o aumento de casos de mulheres que participam ativamente na pesca artesanal (Fot.1).

As atividades piscatórias, sobretudo relacionadas com a pesca artesanal, constituem uma das atividades de trabalho que comportam maiores riscos para a saúde e onde ocorre um elevado número de doenças e de acidentes de trabalho. O tempo do ciclo das marés condiciona o ritmo de trabalho das mulheres e dos homens no trabalho de pesca, a produção do peixe ou do marisco, na praia ou no mangue.

Os espaços e tempos das populações marítimas e a vida social, económica e laboral destas comunidades pautam-se por crenças, representações, rituais, comportamentos e estilos de vida individuais e coletivos.

O mar representa para estas comunidades sentimentos contraditórios: de serenidade, de revolta, de esperança, de angústia, de alegria, de tristeza, de perigo, de sedução, de aventura e de medo. Na cultura ocidental, o mar está associado ao perigo e ao medo, porque representa a imensidão e o poder da natureza, da força cósmica e divina; constitui um espaço desconhecido, abstrato, invisível, incontrolável, havendo um conjunto de aspetos simbólicos, mágicos e rituais de proteção das gentes do mar. Alguns destes rituais, embora tenham diminuído, continuam vivos nalgumas comunidades tradicionais,

As comunidades marítimas caracterizam-se igualmente, por atividades e modos próprios de viver das mulheres, homens, crianças e jovens que as compõem, por saberes tradicionais e práticas sociais, educacionais, culturais, familiares e de trabalho que se transmitem de geração em geração e que afetam a organização do seu quotidiano, as suas representações, identidade, saúde e qualidade de vida (Fot. 6 e 7). Estes dão lugar a modos de pensar e agir próprios dos indivíduos e grupos que as constituem, sendo evocados através de aspetos iconográficos, artísticos e históricos, através de rituais e símbolos (Fot.2,3,4,5).

Vila Chã, Norte de Portugal (N. Ramos, 2010)



Ericeira, 2010 (Portugal)



Cascais, 2011 (Portugal)



Fotografias 2,3,4,5: *Marcas Identitárias de Comunidades Marítimas e Piscatórias* (N. Ramos, 2010)

Comunidades marítimas e piscatórias – Identidades, atividades de trabalho e género

*Minha jangada vai sair pro mar
Vou trabalhar, meu bem querer
Se Deus quiser quando eu voltar do mar
Um peixe bom eu vou trazer
Meus companheiros também vão voltar
E a Deus do céu vamos agradecer*

Dorival Caymmi, *Suíte do Pescador*

Experiências, saberes, práticas, relações intergeracionais, papéis masculinos e femininos, são colocados em questão nestas comunidades marítimas, afetadas pela urbanização, migração, turismo, políticas de género e da pesca, novas exigências tecnológicas e de qualificação, fatores que vêm alterar processos tradicionais da pesca, da família, da educação, da socialização, de papéis sociais e de género. Contudo, embora se verifique uma modernização crescente e transformações nas comunidades marítimas e nas atividades tradicionais, nomeadamente da pesca, na educação, na família e nos papéis sociais e de género, continuam a existir tempos e espaços masculinos e femininos, atividades e papéis distintos e complementares para homens e mulheres.



Fotografia 6. *Comunidade Piscatória de Vila Chã*, Norte de Portugal (N. Ramos, 2010).



Fotografia 7: *Atividades da comunidade piscatória de Vila Chã*. Norte de Portugal (N. Ramos, 2010).

Nas comunidades piscatórias tradicionais, homens e mulheres têm, em geral, papéis delimitados na divisão sexual do trabalho, ficando aos homens destinada, em geral, a ida ao mar e às mulheres a terra, a casa e os filhos. Ao homem, pertence o barco, o mar, o horizonte, a partida. O *ethos* piscatório promove os valores da masculinidade, como a coragem e a responsabilidade no enfrentamento diário com o perigo, a insegurança e a dureza do mar. O universo masculino dentro das atividades piscatórias relega a alguma “invisibilidade” o feminino, mesmo quando as atividades das mulheres são fundamentais para a reprodução e sobrevivência do grupo. Contudo, a clivagem mar/terra, homem/mulher, e a separação entre masculino e feminino têm vindo a diminuir em Portugal e no Brasil, como noutros contextos sociais e culturais.

Os recursos das zonas costeiras são vitais para muitas comunidades locais, e em todo o mundo as mulheres desempenham um papel importante no setor da pesca e da aquicultura e em outras atividades que não se relacionam necessariamente com estes ofícios, por exemplo a agricultura ou o artesanato, com o objetivo de contribuir para a diversificação dos rendimentos da

família. Este papel das mulheres está ligado à produção, ao processamento ou à venda do produto, sendo o seu trabalho uma contribuição essencial para as unidades de produção e para o sustento da casa, assim como para o desenvolvimento social das comunidades piscatórias. Contudo, o seu trabalho é frequentemente invisível nas estatísticas, não reconhecido com uma remuneração, e, em geral, as mulheres não usufruem do reconhecimento legal que lhes daria acesso aos sistemas de proteção social, formação ou crédito, assim como a outros recursos.

As mulheres das comunidades piscatórias tradicionais estão ativas na vida da comunidade e da família. Os homens, partindo para o mar ou ocupados com as atividades da pesca, são figuras mais discretas, sendo as mulheres quem assume a orientação das suas famílias, os cuidados e a educação das crianças, a gestão da casa e os recursos familiares, as questões da gestão patrimonial, para além de ajudarem nas lides do mar e da pesca. Em certas comunidades piscatórias do Norte de Portugal, por exemplo, algumas mulheres tripulavam os barcos, possuindo as cartas de arrais que lhes concedia a licença para se fazerem ao mar.

A mulher está nas atividades a montante e a jusante da atividade extrativa da pesca, nomeadamente na confeção e reparo de apetrechamentos de pesca, por exemplo redes de pesca; no transporte, conserva e preparação do peixe; na distribuição e venda; na extração de moluscos, mariscos e sargaços, na beira das praias, rios e lagos; por vezes, no trabalho a bordo; na preparação de iscas; e em outras atividades de apoio terrestres, da documentação à pintura de barcos, etc. (Fot.1,7,8,9,10,11,12,13). Muitas das mulheres envolvidas na pesca artesanal e em pequena, escala dedicam-se igualmente a outras atividades, por exemplo na recolha de água e lenha, na agricultura, na confeção de artesanato, de rendas, de produtos alimentares e na venda destes produtos, frequentemente em colaboração com os seus filhos.

Nas comunidades costeiras e piscatórias encontramos: as mulheres de pescadores, exercendo as funções de educação dos filhos e ocupações domésticas e familiares, colaborando em terra de forma informal não remunerada com os seus companheiros ou familiares, também designadas por “esposas (e filhas) colaboradoras” ; e as mulheres pescadoras trabalhando em terra e no mar e buscando espaços de atuação profissional e de sobrevivência (MacAlister *et al.* 2002).

Apesar das representações e dos mitos de prelúdio de má sorte e infortúnio e de fragilidade que a figura feminina representa no mar, o papel da mulher está presente em toda a cadeia produtiva piscatória, nomeadamente em Portugal.

Nas comunidades costeiras, em Portugal e no Brasil, como no resto do mundo, regista-se que as atividades produtivas exercidas pelas mulheres estendem-se da pesca ao processamento do pescado, à comercialização, à agricultura e cultura de peixes, à participação nos mercados informais e formais de trabalho, ao emprego governamental e às atividades ambientais e legislativas. Estas mulheres têm vindo a organizar-se, nomeadamente em movimentos associativos, chamando a atenção para problemas não apenas como pescadoras mas, igualmente, como membros das suas comunidades e como responsáveis pelas suas famílias.

A conquista de direitos, nomeadamente o direito à formação e à aquisição de um estatuto que reconheça a sua contribuição económica e que lhe dê acesso a uma cobertura social própria, a

promoção de políticas e normas de saúde e segurança, assim como a defesa e proteção dos direitos das comunidades e trabalhadores ligados à pesca, constituem algumas das preocupações destes movimentos associativos.

Saúde e segurança no trabalho nas comunidades marítimas e na pesca artesanal

Pescador da barca bela,
Onde vais pescar com ela.
Que é tão bela, Oh pescador?
Deita o lanço com cautela,
Que a sereia canta bela...
Mas cautela, Oh pescador!

Almeida Garrett, *Barca Bela*

As populações relacionadas com as atividades piscatórias são incluídas entre os grupos sociais de risco, tendo em conta as agressões à saúde física e psíquica e aos acidentes e riscos quotidianos a que estão submetidas (Costa, 1989; Parmeaggiani, 1989; Schinder *et al.*, 1992; Ali, 1994; Scrimgeor, 1994; Santana, 1996; Santos, 2009; Pena, 2008; Ramos, 2010, 2012, 2013; Rios *et al.*, 2011).

As atividades piscatórias comportam muitos riscos e envolvem um elevado número de doenças e de acidentes de trabalho, muitos deles mortais, devendo as populações relacionadas com as pescas ser incluídas entre os grupos sociais de risco, tendo em conta as agressões à saúde física e psíquica, os acidentes de trabalho e as condições de vulnerabilidade e risco em que vivem e trabalham e estão submetidas no seu quotidiano. Muitos destes trabalhadores não têm proteção social e de saúde, vivem em regiões pobres do mundo, estando sujeitos a numerosos riscos e doenças. A Organização Internacional do Trabalho (OIT), ao nível da pesca artesanal e a nível internacional, estimava em 2002, a ocorrência de cerca de 270 milhões de acidentes de trabalho.

O aumento crescente de mulheres na força de trabalho suscitou um conjunto de questões relacionadas não só com a igualdade de género, mas também respeitantes aos diferentes efeitos dos riscos relacionados com o trabalho para homens e mulheres. Existe uma proporção significativa destes trabalhadores na economia informal, onde são confrontadas com condições de trabalho precárias, bem como falta de formação e de informação relativamente à saúde e segurança no trabalho.

A pesca, sobretudo artesanal, constitui para homens e mulheres uma das atividades de trabalho mais perigosas, que comportam mais riscos (físicos, psíquicos, químicos, biológicos e ergonómicos) e um elevado número de doenças e de acidentes, geralmente fatais. A estes acidentes estão ligados múltiplos fatores, nomeadamente: naufrágio (devido às más condições climáticas e à valorização das mesmas, provocando tempestades e má visibilidade); consumo excessivo de álcool; cansaço; condições deficientes de embarque/desembarque (por exemplo técnicas incorretas, pouca

iluminação, plataforma deficiente); imposições e dificuldades económicas que levam à prática laboral em más condições climatéricas e perigosas.

A atividade piscatória expõe os trabalhadores a riscos de afogamento, lesões com apetrechos de pesca cortantes e perfurantes, esforços físicos excessivos e posturas inadequadas, trabalho noturno, jornadas prolongadas de trabalho, ruído, isolamento, intempéries climáticas, ações de agentes biológicos, como fungos, vírus, ou mesmo ataque de insetos e animais. A atividade intensiva da pesca, sobretudo a artesanal, provoca elevado desgaste físico e acidentes de trabalho, comprometendo grandemente a saúde dos homens e das mulheres trabalhadoras e estando na origem, nomeadamente: de graves problemas de carácter osteoarticular (reumatismo, artrites, dores na coluna, pulsos, braços, ombros, etc.), intoxicações por gases ou fumo, lesões dermatológicas, nomeadamente cancro da pele, ou problemas de visão, como cataratas e ardor nos olhos.

A combinação de baixas ou altas médias de idades (crianças/jovens ou idosos) com, entre outros, a baixa escolaridade e qualificação profissional, a precaridade económica ou a dupla jornada de trabalho, no caso das mulheres, agrava os riscos e os problemas de saúde nestas comunidades. As mulheres que trabalham neste ramo de atividade apresentam mais problemas de saúde, uma vez que conjugam uma atividade muito exigente ao nível de esforços físicos, com as atividades domésticas e familiares.

Também, para as mulheres que apanham moluscos, algas, mariscos, entre outros, há riscos ergonómicos acrescidos, como sobrecarga muscular no pescoço, ombros, costas, membros superiores e região lombar, para além do excesso rítmico centrado no punho nas atividades repetitivas. Por exemplo, as sargaceiras e as marisqueiras devem ser incluídas entre os grupos sociais de risco que adotam posições e realizam movimentos repetitivos, originando doenças músculo-esqueléticas, como as lesões causadas por esforços repetitivos e a dor nas costas (Fot.8,9, 12,13), (Costa, 1989; Santana, 1996; Pena, 2008; Ramos, 2010, 2012, 2013).

A colheita de mariscos é realizada durante o dia, segundo o ritmo das marés, muitas marisqueiras levando os filhos para a realização dessas atividades e organizam o trabalho de colheita e tratamento com o auxílio das crianças, trabalho que é decisivo para a sobrevivência da comunidade e envolve grande sobrecarga de trabalho. É sobretudo à mulher que cabe o principal trabalho nesta modalidade de pesca artesanal, a qual envolve um saber tradicional que passa de geração em geração.

O trabalho das marisqueiras, por exemplo no Brasil, associado a condições de trabalho difícil, a um intenso ritmo de trabalho e em situação de grandes riscos, em meios aquáticos, alagados e tóxicos e com luz solar excessiva, envolve posturas inadequadas, sobrecarga nos membros superiores, movimentos e esforços repetitivos concentrados nas articulações, estando na origem de lesões e doenças orgânicas e de um grande sofrimento físico e psíquico. O trabalho que envolve a procura, recolha e transporte de mariscos, as posturas a que estão sujeitas, a retirada das conchas e os processos morosos de preparação do marisco provocam sofrimentos vários, dores, deformidades, feridas, dormências, diminuição de capacidade funcional de alguns membros superiores, entre outros (Fot.8,9, 12,13) (Carneiro *et al.*, 2000; Pena *et al.*, 2011; Ramos, 2012, 2013).

Também as mulheres que trabalham no processamento de peixe e marisco se defrontam com artrites e outros efeitos nefastos para a saúde, decorrentes da permanência em pé ou de estarem sentadas em ambientes frios durante 10 a 12 horas por dia



Fotografia 8: *Marisqueira na apanha do marisco.* Cabedelo, João Pessoa, Brasil (N. Ramos, 2011).



Fotografia 9. *Marisqueira na apanha do marisco.* Cabedelo, João Pessoa, Brasil (N. Ramos, 2011).



Fotografia 10: *Marisqueiras no regresso da pesca.* Acaú, Pernambuco, Brasil (N. Ramos, 2012)



Fotografia 11: *Marisqueiras no regresso da pesca.* Cabedelo, João Pessoa, Brasil (N. Ramos, 2012)



Fotografia 12: *Marisqueira preparando o fogo para cozinhar o marisco.* Cabedelo, Paraíba, (N. Ramos, 2011).



Fotografia 13: *Marisqueira preparando o marisco.* Cabedelo, Paraíba (N. Ramos, 2011).

Considerações finais

A pesca artesanal coloca grandes desafios para a saúde, proteção social, segurança e saúde no trabalho e para as políticas públicas, envolvendo mulheres, homens e crianças vivendo e trabalhando em situações de grande vulnerabilidade e risco.

Para que as políticas de promoção da saúde e segurança no trabalho sejam eficazes para mulheres e homens, terão de ser baseadas em informações mais concretas sobre a relação entre saúde, trabalho e género e com vista a um desenvolvimento mais sustentável. É importante o desenvolvimento de políticas que apoiem e tornem mais visível o trabalho desempenhado pelas populações ligadas ao mar, nomeadamente pelas mulheres, reconhecendo-as como trabalhadoras de pleno direito.

Nas estratégias de desenvolvimento da pesca é importante identificar os papéis, as exigências e as prioridades do trabalho dos homens e das mulheres, sendo este reconhecimento fundamental para a compreensão das desigualdades e problemas existentes e para garantir a sua integração nas estatísticas da pesca.

É necessário melhorar as condições sociais, educacionais e de trabalho, a segurança e a saúde no trabalho, assim como promover estratégias de informação e educação direcionadas para a prevenção de acidentes e doenças laborais, estratégias e políticas que deverão favorecer as condições de trabalho e ambientais e a saúde dos indivíduos e famílias destas comunidades.

As atividades realizadas no âmbito do desenvolvimento e capacitação social e económica das mulheres devem ter em conta o equilíbrio entre trabalho fora de casa e trabalho doméstico, a valorização do trabalho que é realizado na esfera privada e os riscos para a saúde envolvidos nas diferentes atividades.

O melhoramento e reconhecimento cultural, social e económico dos papéis das mulheres na atividade marítima e piscatória, nomeadamente artesanal, e a promoção da igualdade de género e da proteção e saúde no trabalho são elementos importantes para o desenvolvimento sustentável nestas áreas e para a melhoria da condição social destas populações, sobretudo das mulheres. Impõe-se desenvolver políticas de saúde e segurança no trabalho neste âmbito e promover a saúde e qualidade de vida do trabalhador da pesca artesanal.

É essencial educar e consciencializar as populações e decisores políticos sobre a importância e preservação do mar e da pesca, das suas atividades e saberes tradicionais, bem como para as dificuldades, riscos e perigos envolvidos, sobretudo na pesca artesanal, e para as mulheres, promovendo políticas de proteção, de saúde, educacionais e ambientais adequadas e sustentáveis.

Os projetos de desenvolvimento, investigação e intervenção nesta área devem ser planeados numa perspetiva multi/interdisciplinar, sistémica, participativa e de género, com a participação ativa dos diferentes atores sociais e tendo em conta as condições específicas dos contextos e o reconhecimento social dos papéis e trabalho das mulheres e dos homens.

Bibliografia

- ADRIÃO, D., NASCIMENTO, I., FURTADO, L. G., NOORMAHOMED, E. V., NGUNGA, A., FERRÃO, J., GONZALEZ, M. J., SILVA, I.; RAMOS, N., FERREIRA, M. M., ROCHA-TRINDADE, M. B. (2014) . *Olhares cruzados sobre povos litorâneos de comunidades dos países de língua portuguesa: percepção acerca do uso e gestão de territórios em comunidades halieúticas no Brasil, Moçambique e Portugal. Belém - Lisboa - Maputo - Nampula. Belém: Editora do Museu Paraense Emílio Goeldi, 404p.*
- ALI, S. A. (1994). *Dermatoses ocupacionais*. São Paulo: FUNDACENTRO.
- ARAÚJO, T. ROTEMBERG, L. (2011). Relações de género no trabalho em saúde: a divisão sexual do trabalho e a saúde dos trabalhadores. Assunção, A. , Brito, J. (org). *Trabalhar na saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 131-150.
- BRANDÃO, R. (2005). *Os Pescadores*. Lisboa: Ed. Ulisseia e Ed. Verbo. (1ª Ed. 1923).
- CARNEIRO, A. et al. (2000). *O trabalho de pesca: segurança, saúde e contribuição dialógica para a reestruturação do sector pesqueiro do Brasil*. Rio de Janeiro: Pro Uni-Rio/UNILAGOS
- COLLE, S.(1994). *Mulheres da Praia. O trabalho e a vida numa comunidade pesqueira portuguesa*. Lisboa: D. Quixote.
- COLLET, S. (1992). De la fonction symbolique des femmes dans les économies halieutiques. *Anthropologie Maritime*, 4, p. 181-194.
- COMISSÃO EUROPEIA (2007). Europa. *Assuntos Marítimos e Pescas*. Documentação e Legislação.
- COMISSÃO EUROPEIA (2008). *Uma política marítima integrada para a União Europeia*. COM, 395.
- COSTA, C. (1989). *Recortes do imaginário social de pescadores artesanais de águas fluviais*. Dissertação de Mestrado em História, Pontifícia Católica de São Paulo.
- KUORINKA, I. et al. (1995). *Les lésions attribuables au travail répétitive*. Montréal : Maloine.
- EUROPA (2007). *Assuntos Marítimos e Pescas*. Documentação e Legislação.
- FERREIRA, A. et al. (2003) *Análise colectiva do trabalho de pescadores mergulhadores de lagosta brasileiros*. São Paulo: FUNDACENTRO.
- Instituto Nacional de Estatística - INE (2010). *Estatísticas da Pesca-2009*. Lisboa: INE.
- Instituto Nacional de Estatística - INE (2010). *Estatísticas da População -2009*. Lisboa: INE.
- LIVRO VERDE (2006). *Para uma futura política marítima da União: uma visão europeia para os oceanos e dos mares*. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.
- MACALISTER, E. et al. (2002). *The role of women in the fisheries sector*. Hampshire: European Commission.

MENDES, L. (2002). *Etnoecologia dos pescadores e marisqueiras da Vila de Garapuá/Ba*. Salvador: UFBA.

OLIVEIRA, F.S. (2009). *Comunidade piscatória de Vila Chã – Povo de barba rija*. Dissertação de Mestrado em Relações Interculturais. Lisboa: Universidade Aberta.

ORGANISATION INTERNATIONALE DU TRAVAIL - OIT. (2004). *Conditions de travail dans le secteur de la pêche*. Conférence Internationale du travail. Bit Genève: OIT.

PENA, P., FREITAS, M., CARDIM, A. (2011). Trabalho artesanal, cadências infernais e lesões por esforços repetitivos: estudo de caso em uma comunidade de marisqueiras na Ilha de Maré, Bahia. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, nº 8, p. 3383-3392.

RAMAZZINI, B. (2000). Doenças dos pescadores. *As doenças dos trabalhadores*. São Paulo: FUNDACENTRO.

RAMOS, N. (2011a). Comunidades marítimas, cultura e meio ambiente: perspectivas de saúde, identitárias e interculturais. *I Coloquio Luso-Brasileiro de Educação, Meio Ambiente e Interculturalidade*. Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 30 e 31 de Agosto 2011.

RAMOS, N. (2011b). Cultura e gentes do Mar- Desenvolvimento, Saúde e Género. *II Encontro Internacional do CITICEM: O Mar – Património, Usos e Representações*. Universidade do Porto, Faculdade de Letras, 20-22 Outubro 2011.

RAMOS, N. (2011c). Espaços e Tempos da (s) Culturas do Mar: Perspectivas e Desafios Sociais, Interculturais e de Saúde. *Seminário Internacional Clima, Cultura e Meio Ambiente*. Goethe – Institut Salvador e UFBA - Póscom. Salvador, 10 e 11 de Outubro 2011.

RAMOS, N. (2011d). Gentes do mar em Portugal: Cultura, Identidade e Saúde. *Seminário Internacional – Múltiplos Olhares sobre a Zona Costeira de Países de Língua Portuguesa*. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, 4 -6 de Outubro 2011.

RAMOS, N. (2012a). Espaços e Tempos da (s) Culturas do Mar: Perspectivas e Desafios Sociais, Interculturais e de Saúde. J. Serafim e S. L. Santana (Orgs.) *Representações do Clima, Cultura, Cinema*, Salvador: EDUFBA, pp.87-107.

RAMOS, N. (2012b). Género, Ambiente e Desenvolvimento – Mulher, Trabalho e Saúde. *Jornada sobre Desenvolvimento Sustentável*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Grupo de Pesquisa: Estudos Avançados para a Sustentabilidade. Natal, 14 de Abril, 2012.

RAMOS, N. (2012c). Saúde, Género e Desenvolvimento. *Seminário Internacional: Saúde, Género e Desenvolvimento*. 18 de Maio 2012, Universidade do Porto, Faculdade de Economia, Porto.

RAMOS, N. (2012d). Discutindo saúde e género em comunidades piscatórias. Colóquio Internacional: *Saberes Interculturais – Ambiente e Gentes do Litoral: Brasil, Moçambique e Portugal*. Universidade Aberta, CEMRI, 19 de Maio 2012, Lisboa.

RAMOS, N. (2013). Comunidades marítimas, cultura e meio ambiente: Perspectivas de saúde, identitárias e interculturais. I. Araújo (org). *Perspectivas de educação ambiental no constructo da interculturalidade*. São Cristovão: Editora UFS, pp.91-108.

RIOS, A., REGO, R., PENA, P. (2011). Doenças em trabalhadores da pesca. *Revista Baiana de Saúde Pública*, (35,11): 175-188.

ROSA, M., MATTOS, U. (2010). A saúde e os riscos dos pescadores e catadores de caranguejo da Baía de Guanabara. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, 1, p. 1543-1552

SANTOS, M. (2010). *Um breve olhar sobre a pesca*. 17 Agosto 2010. Disponível em: <http://www.revistaseguranca.com>.

SCHINDER, E. et al. (1992). Estudios epidemiologicos del perfil de salud de pescadores de mar del plata: fatores de riesgos ligados al ambiente laboral. *CM Publ.Méd*, (1,5), p.10-20.

SCRIMGEOUR, E. M. (1994). Prawn trawling in the gulf of carpentaria, northern australia: aspects of ocupacional health. *Med.Journal Aust*. (160, 5): 153-156.

WOORTMANN, E. (1992). Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e género em comunidades pesqueiras. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 18, p. 42-58.